

a mulher
como força de
transformação da cultura

^{Punto}
Fundação Cuidar o Futuro

1973 ?

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

A m̄n, como força de transformação ⁽¹⁾ de cultura

1. Escalada da m̄n no "tomar da palavra"

Quando (por ofício e por
convicção, ^{se analisa} se tem q̄ analisar)
o q̄ se encontra publicado
sobre a m̄n no mundo de hoje,
depara-se com um número
infinito de títulos.

"The dialect of sex"

"Sexual politics"

"Ne pleure pas, hurle"

"Droit de regard"

"Demain les femmes"

a par de centenas de estudos
sobre condições de trabalho, de
tempo livres, resp. familiares, de
intervento na id. áica.

(2)
As mulheres dizem-se. Anali-
sam a sua vida. Descuem a
impossibilidade de viver huma-
namente uma semana de
trabalho ^{das esmolas e caridades} de 84 horas (p.ª uma
trabalhadora c/ 2 filhos). Dissimam
as condições de inferioridade
em q̄ são obrigadas a trabalhar
e exigem a igualdade de salários.
Tomam consciência de q̄ o
caso muito as torna cidadãs
de 2.ª classe. Rejeitam a
solidão em q̄ o alibato não
procurado as coloca numa
sociedade em q̄ a m̄ só é
paradoxal/ através do maúdo
(10 1.ªs mulheres nos EUA).

Denunciaram a falsidade das ③
medidas q̄ as protegem ("um
filho = um figurativo" - Les
~~terribles~~
enfants du siècle)

Este grito não é só de
além-fronteiras. A m̄ portu-
guesa começa b. a dizer-se.
E de tal modo q̄ poderíamos
falar de uma verdadeira
escalada a Constituinte - se
de Out. 72 até agora.

Jornais: Mulher-ideal procura-se
↓
Mulher-mãe em Portugal

As mulheres tomam a palavra.

Tomar a palavra é o 1.º acto cul-
tural significativo. $\bar{p}q$ o \bar{h}
se diz ^{asipróprio} o \bar{q} vive, $\bar{p}q$ dizer é
conhecer, $\bar{p}q$ a palavra liber-
ta os muros de nevociro, é
susceptível de criar cultura.

Aprender palavras, criar o
seu vocabulário, dizer o que
de vive e se experimenta, tal
é o primeiro domínio da criança
sobre a história e a vida.

Tal é também o primeiro
domínio da pessoa consciente
sobre o seu próprio universo.

A capacidade de dizer "eu"
é a primeira expressão de

Fundação Cuidar o Futuro

uma cultura \bar{q} se faz ^{logo} com (5)
a metade, até aqui silenciosa,
da humanidade. (O eu na língua
portuguesa vs. $\frac{je}{I}$.)

Afirma-se nesta "tomada
de palavra" um direito tão
vital como o de existir para
além ^{do robot \bar{q} funciona como motor} das cadeias de produção
~~est~~ e do consumidor \bar{q} é
invadido pela publicidade
de Fundação ^{de} \bar{q} no mundo
não precisa. Trata-se do di-
reito de ser e de exprimir
o \bar{q} se é pela palavra \bar{q} ,
livre dos vínculos \bar{q} a domi-
nara; surge agora portadora
de novo significado.

Esta "tomada da palavra" é vista ⁽⁶⁾
desde Maio 68 como a irrupção
de uma nova concepção da
cultura, ^{Ilustra a a história} ~~caracterizada~~ ~~para~~ de
reação de um trabalhador a
uma operária q̄ estava a ser
entrevistada e q̄ dizia " ~~Não digas~~
"Não sei q̄ dizer: não tenho cultura"
Respondeu-lhe ^{o trabalhador:} "Não digas isso.
O saber acabou. A cultura hoje
consiste em falar."

Quero notar q̄ não é
de q̄ q̄ "falar" q̄ aqui se trata,
mas sim do processo q̄
significa psicológica / uma
mudança.

✓ ~~É isto q̄~~
Sempre as ms foram des-

(7)
citas e caricaturadas como
pessoas cuja tagarelice é inter-
minável... Não se trata, de
uma mudança de quali-
dade, de um "aumento de
nível" das palavras q̄ dizem.
Trata-se, isso sim, da coerên-
cia interna do discurso q̄
preferem; trata-se do facto
de q̄, a força de gastarem
as palavras vazias q̄ uma
sociedade lhes legou e q̄
as ens por sua vez perfe-
tuam, x no ciclo sociedade-mãe-filho - sociedade descobriram outra
camada de si mesmas onde
se pronunciam outras palavras,
aquela zona de q̄ brotam as

palavras q̄ constituem o tecido ⁸
mais fundo da sua existên-
cia ("A recompensa").

Tão pouco a tomada da
palavra se destina a imitar
o q̄ os homens já disseram
ou a perpetuar os seus ritos,
eu diria quase, as suas
liturgias. O mundo criado
Fundação Cuidar o Futuro
pelos homens e para os ho-
mens tende a impor-se
sem piedade às mulheres.
A m̄ é aceite q̄.^{do} elaborar
um pensamento idêntico ao
do homem, q̄.^{do} se situar
no esquema simples de

mais produção → mais lucro ⁹
→ maior ~~praz~~ bem-estar,
9.^{do} obediente/ (e sempre sor-
rindo!) for repetindo as
normas q regem a vida
de trabalho, as organiza-
ções, a vida política.

A "tomada de palavra" a q
assistimos rompe com os cânones
aceites e interrogas. (Com q tem

X de arrestar: a timidez, o medo de ^{forma da passividade,}
ser diferente, e um ancestral ^{mito} tipo
de q os outros e q sabem... a política
de vestuário...)

X significado de tomar a palavra
na sociedade de discurso,
retórica e oratória

e narcisismo
q, no plano da estrutura
psíquico-cultural, não
reconhece as como expressões
da alienação específica do mulher.

2. A revolta das m̄s

(10)

Esta tomada de palavra é parte de um movimento histórico mais amplo.

Já varias vezes analisei o processo sociológico q̄ levou ao actual "movimento de libertação das mulheres". Embora o seu colorido ~~feminista~~ reivindicativo e a sua própria descrição levem a situar esse movimento na sequência do feminismo, o mov. lib. m̄s tem, de facto, profunda afinidade c/ os outros movi/s q̄ desde há 50 anos têm agitado as minorias desfavorecidas.

Não há diferença essencial entre o poder nas

mãos dos trabalhadores, (71)
à África p. os africanos",
a ocupação de escolas e Uni-
versidades pelos estudantes e o
movimento q̄ tem como sua
expressão + extrema "Society
for Scrubbing up men" !!

De forma mais sistemá-
tica e conforme tive ocasião
de dizer no Guia do Estado de
ONU "a-mov. actual liga-se
aos mov/s ^{q̄ se deseja volveram desde o} início da industria-
lizaç. Remonta ao movimento
dos trabalhadores (quer em termos
de proletariado na luta de classes
quer em termos do sindicalismo
anglo-saxónico), tem afinidades
com a emancipaç. das etnias
colonizadas, encontra na tur-
bulência dos mov/s de juventude o seu
+ recente estímulo.

Estamos perante um fenómeno sociológico claro/novo. E não se pense apenas em certos clichés trazidos pela imprensa de sensação sobre as aberrações ou as manifestações ± exóticas q̄ se fazem "lá fora". Se nos dermos conta do q̄ se está a passar em Portugal através da imprensa, creio q̄ podere-mos dizer q̄ H. aqui, é um certo exemplo de "sensação" (q̄.º não de má tradução!) q̄ se está desenvolvendo coordenadas cō as dos motivos de libertação das ms. Este manifestação atingido m.º gente e tanto + significativa q̄.º pouco tem variado a razão de m.º na soc. port. (Febro)

Fundação Cuidar o Futuro

9.º pouco tem variado a razão de m.º na soc. port. (Febro)

Há, pois, uma 1.ª leitura, de natureza sociológica, a fazer sobre os movimentos existentes.

A completá-la há a interpretação do que poderíamos chamar a "inquietação do sistema" pelo problema. Nos últimos anos nasceram dezenas de comissões nacionais governamentais sobre o estatuto dos ms, o seu trabalho, as suas condições de vida. Tais comissões viram a luz não apenas nos países sub-desenvolvidos (mas - e sobretudo - nos países altamente industrializados

Fundação Cuidar o Futuro

(estudo do ~~Assembleia~~ ^{governo} dos ^{os} ~~Assembleia~~ ^{Assembleia} ~~Políticos~~ ^{Políticos} dos EUA e Sct.)

Mas esta preocupação - a um tempo das instituições e das massas - requer uma 2.ª leitura

A expressão $\bar{\eta}$ reveste a "tomada de palavra" e quase sempre de denúncia e negação. As ms dizem negativamente uma situação. Fica por dizer ainda o $\bar{\eta}$ poderia ser - ou, se quisermos, o $\bar{\eta}$ poderia ser ^{aiuda} alta / contraditório. (cf. "Place aux femmes")

Não me parece $\bar{\eta}$ nesta leitura seja primordial a maneira concreta de resolver os problemas indicados. É $\bar{\eta}$ me

Euuma francesa de 30 anos,
advogada e mãe de família,
conselheira municipal da cidade
de Marselha é comentar:

"Revolto-me pp̄ este velho mundo
me criou presa das suas cadeias,
pp̄ reter a juventude pelas
redes,

pp̄ a política se reduz a equi-
líbrio de forças

Fundação Cuidar o Futuro

pp̄ ~~estorços Armadas~~ ^{a ~~Exército~~ Defesa} roubar
o dinheiro ~~de~~ de ~~educaç~~
nacional,

pp̄ o ~~cul~~ horizonte se limita
ao aumento do custo de
vida e à luta contra a droga.

(pp̄ 51)

Deixo para outro momento ⁽¹⁷⁾
a relação política q̄ vai, na
fase q̄ citei, do "je" ao "hou".
Limite-me a ^{Quero} acentuar aqui
o fenómeno de "explosão de
consciência pessoal" q̄ ex-
prime e a tentar ver o
seu significado cultural.

(P.^a tanto, terei q̄ desbravar
terreno ^{esta fase} ~~logo~~ pisado por essa
difícil palavra "cultura".)

Das variadíssimas definições ⁽¹⁸⁾
de cultura \bar{q} seria possível dar
você obter apenas aqueles elementos
 \bar{q} me parecem necessários aqui.

Por um lado, a cultura aparece
com um carácter quase mítico
de "verdade, sabedoria, liberdade,
criatividade...". Por outro lado,
é possível desenhar-lhe um
perfil científico \bar{q} se importa
na antropologia cultural e na
sociologia da cultura.

1. Há um sentido antropoló-
gico onde cultura se opõe a
natureza. A cultura aí é
todo o gesto do homem
capaz de transformar, de

algum modo, a natureza. (19)

Como diz PF, "cultura é o acrescentamento q̄ o h̄ fez ao mundo q̄ não fez". Já daqui se tiram três implicações:

- a cultura resulta do trabalho do homem e, ao mesmo tempo, da sua criatividade
- a cultura é, ao mesmo tempo, veículo e produto da comunicação e relação entre os homens;
- a cultura é expandida da história pessoal na história colectiva.

Q.^{do} se fala na m e na cultura, (20)
podrá pensar-se (como o faz a
Unesco) q se trata em 1.º lugar
da vulgarizada expressão "acesso
da m à cultura".

Na verdade, q.^{do} há pouco eu
denunciava a assimilação da
m ao mundo dos hs, já es-
tava implícita/a denunciar
esse conceito conceito tradicio-
nal da cultura como "conheci-
mento, saber", com o tal valor
omnítico, é um conceito mono-
lítico (informando os países
ocidentais e as elites em cada
sociedade), conceito centrípeto
(tudo remeter aos grandes
centros da cultura, q, por

Seu turno, dizem os \bar{q} (são 21)
cultos e os \bar{q} o não são), conceito
essencial/ "digestivo", baseado
no "ter". Ora na época de
computadores ~~de~~ em \bar{q} vive-
mos podemos deixar a "di-
gestão" do conhecimento p:
as máquinas, p: nos preocu-
paramos mais el o porquê
e o para quê Fundação Cuidado Futuro

Se a cultura é expressão
de todo o humano, então
- e contrária/ a esse conceito
tradicional - a cultura é
pluralista (há muitas for-
mas de cultura), é centrí-
fuga (tendem a criar-se

tantos centros criadores de (22)
cultura q. ^{tos} os \bar{h} \bar{q} criadora/
(e relacionarem q' a realidade),
~~resulta de~~ implica um conceito
baseado no ser.

2. No outro extremo do leque
de definições de cultura, en-
contrávamos um sentido etno-
gráfico ou mesmo sociológico
seg. - o qual a cultura se oporia
à tecnologia e agrupava assim
os mitos, as crenças, os valores,
os modelos de comportamento,
espécie de pedimento de toda
a vida humana, de \bar{q} é
expressão última a chamada
"cultura cultivada" \bar{q} opõe ética

e elitística/ o h culto ao inculto. (23)

Parece-nos ~~que~~ ^{de cultura} ~~que~~ uma síntese adequada se encontra na expressão do sociólogo Morin q.º diz q.º "a cultura é como um sistema de metabolismo, ~~que~~ ~~dizer~~ assegurando as trocas (variáveis e diferenciadas ~~de~~ ~~as~~ ~~culturas~~) entre os indivíduos, entre o indiv. e a sociedade, entre a sociedade e o cosmos, etc.". Ou, em outros termos, a cultura seria o "sistema q.º faz comunicar dialética/ uma experiência existencial e um saber constituído".

É o momento de retornar ⁽²⁴⁾
a fase de há pouco.

A tomada de palavra \bar{g}
se exprime numa explosão
de consciência pessoal traduz
uma ~~e~~ aponta para uma
experiência existencial, \bar{g} é
^{potencialmente} guardadora de cultura.

Fundação Cuidado Futuro
A ^{em diversas} ^{suavidades} ~~multa~~ cidade do grito
de revolta \bar{g} lemos no fenô-
meno \bar{g} estamos a analisar
permite dizer \bar{g} através da
tomada ^{em novo} ^{termos} da palavra \bar{g}
processo o "circuito metaboli-
zante" ~~de~~ \bar{g} referir.

Um novo equilíbrio entre
 a experiência existencial e o
 saber constituído se encontra
 em gestação dialéctica na
 conclusiva: "donc, nous sommes".
em fase q'atuei

A cultura encontra-se assim
 afectada naquilo mesmo q' a
 define; * como sistema de
 metatubulação **Fundação Cidade do Futuro**

procurar novas formas de
 equilíbrio. Podemos dizer
 q' aqui se encontra a génese
 da revolução permanente.

E aqui se encontra o
 significado político q' liga
 o "eu" ao "nós".

Q' caminhos podera' as- (26)
assumir a cultura assim forjar?

Gostava de dizer o caminho
q' não pode assumir. Por grito
~~de revolta~~, é óbvio P.º tanto,
é importante não confundir
o grito caído das entranhas
com o alvoroço histérico
q' agita as multidões; não
confundir as ~~revoltas~~ angús-
tias nascidas das situações
desumanizantes com as
revoltas teóricas e quixotescas
elaboradas nos salões; não
confundir a convicção vital
q' brota de uma realidade
vivida e experimentada e reco-

checada como idêntica ~~mas~~ ~~outras~~ em vidas de outras mu-
lheres com a ~~mesa~~ divulgação
panfletária de uma 28
ideologia.

Que caminhos então?

A tomada de consciência
que conduz à frase "Je me
révolte, donc nous sommes"

Fundação Cuidar o Futuro

não é apenas ~~como~~ uma
constatação ^{teórica} passiva e isolada.

Nela convergem as experiên-
cias que tecem o "nós" possível.

Nela se exprime uma solida-
riedade fundamental,
ontológica ou biológica mas, no

entanto, real. Faz-se a descoberta de uma existência solidária entre mulheres. Dissera-o já Simone de Beauvoir ao dissecar o \bar{g} chamou de "complicidade" no reconhecimento de um mesmo destino.

("Complicidade" essa \bar{g} , de resto, o \bar{h} encontra c/ outros \bar{h} e ~~of cuja fo~~ onde buscou a força c/ \bar{g} construiu a cidade, fez a lei, a guerra e a ciência.) Ao descobrir o destino de outras mulheres, a sua situação de opressão, não pode cada \bar{m} pensar

Fundação Cuidar o Futuro

apenas em si. Não lhe podem 29
ser indiferentes os destinos das
ms q vivem, sem o saberem,
uma situação q poderia ser
diferente.

✓ Gostaria de notar q contrasta
a este movimento, se manifesta
a ^{de maioria} fidediçã das ms q "tiveram
acesso". Chegadas ao topo
da carreira - quer ela seja
da vida pública quer do alargamento
progressivo dos bens em
q se emburguesa e angustiosa
a família nuclear - a maioria
das ms, q não ~~se~~ realizaram
por si próprias nenhuma
transf. no mundo, q o acei

tuam como lhes foi dado, (30)
mas há
31!
seguinte o ritmo \bar{g} a concor-
rência c/o \bar{h} lhes impõe,
tendem a discriminar em
relação às outras \bar{m} s. (Opiniões
unânimes do seminário de escritores
no Tilt.) Daí, p. ex., a defesa do
princípio da ~~igualdade~~ igualdade
dos eixos \bar{m} e \bar{g} e isso já
Fundação GuiDar o Futuro
sobrecarrega a grande maioria
das trabalhadoras (plano de
NOW contra as medidas de
"protecção").

Q' há então a fazer?

As mulheres a quem
a conduzir a urgência da (32)
ação - agora Na verdade, a
"tomada da palavra" desemboca
na ação. # Pierre Emmanuel,
diz-nos num artigo publicado
no DL de 2 Março :

"A função da cultura numa
sociedade é a capacidade q os
seus membros têm, individual,
ou em grupos, de falar e agir
com vista a modificar a forma
social."

Neste 3.º tempo, penso por-
tanto numa acção cultural
orientada. (Devo dizer q̄ me
encontro aqui a braços c/ um
problema q̄ não sei resolver.

Por um lado, a "política cultural"
q̄ a Unesco tem vindo a desen-
volver desde o encontro dos MILIS-
tros d' Cultura em Veneza em 68,
bem como a noção de "des.º cul-
tural" q̄ já devine usara.

✶ Mas não q̄ falar em política
cultural é de algum modo
querer compensar de novo a
terminologia c/ o "cultural"...

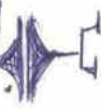
Por outro lado,

Julgo q̄ a arpo cultural é intrínseca/ irredutível à planificação (v. music-hall EUA, jazz como fruto de cultura do silêncio). Defina q̄ seja imprevisível e q̄ deva ser esperada sem ser demasiado estruturada.)

Para q̄ a m̄ possa ser

força de transform. cultural têm Fundação Cuidar o Futuro Reflexão - me a posições complexas q̄ se foram acumulando. Há q̄ distinguir na vida da m̄ a sua vocação, as suas múltiplas funções, as variadas e contraditórias imagens q̄ lhe são devolvidas pela sociedade.

Funções tão diferentes q. ^{tos} os vários sectores de actividade em q a m se movimentava e q. ^{tas} as fases da vida q atravessa.

- { m trabalhadora, em ocupação!
- { m cidadã, activa na ^{cidade} profiss. 
- { m c/ respns. familiares!

e ~~depois~~ sep. ^{do} o tempo, m extrema/ livre e móvel, m mãe, m c/

uma Função de vida;  Futuro

Imagens q lhe vêm das expectativas expressas ou implícitas da sociedade e q lhe vêm sobretudo dos meios de comunicação. (Contradição

de base — m - dona de casa, consubstanciada

- { m - independente
- { reduzida a funções
- { valor profissional



Uma certa vocação - de \bar{g} (veja 36) -
prematuro definir os contornos -
integraria funções e imagens dife-
rentes. Ela - e só ela - permitiria
julgar da prioridade de \bar{g} das
funções e da adequação das imagens.
Assim poderão ser rejeitadas imagens
e criadas outras, poderá em cada etapa
da vida definir-se a hierarquia das
funções \bar{g} a \bar{m} desempenha.

Fundação Cuidar o Futuro

Há quem chame a essa vocação (37)
a capacidade de fazer entrar na
cidade a felicidade como elemento
integrador do bem político. Trata-se
de ler a história e se reconhecer
n, se a m, como grupo social, viver a
cargem da história, na qual deve existir
um potencial inexplorado susceptível
de fazer história.

Fundação Cuidar o Futuro
O mundo procura o seu
novo projecto. Debata-m-se
há anos ideologias; debatem-
-se e confrontam-se hoje
soluções técnicas ^{para os} proble-
mas. Mas o advento das
soluções técnicas + avançadas
não parece significar a

felicidade p̄ os h̄s. Já
 q̄ seja preciso fabricar o
 que destino e/ novas refe-
 rências, inventar o seu mo-
 delo, não a partir de ⁹³a priori ^{teórico}
 mas fazendo-o, q̄ seja preciso
 talvez avaliar os p̄p valores.?

As ms do mundo de hoje
 sabem q̄ a ^{por uma experiência do quotidiano a q̄ poucas} felicidade ^{escapam} não está
 na infinidade de escolhas q̄
 permite a sociedade de consu-
 mo, recusam o choque do
 futuro q̄ as aniquila e
 aniquila a sociedade no
 seu presente. Pensam q̄ o
 futuro não tem ter e/ elas

mas \bar{q} elas irão ter cf o (39)
futuro - ou, em outros termos,
pensam \bar{q} esse futuro não
está definido imutável / mas
é susceptível de ser ^{reorientado} forjado
hoje pelas opções a \bar{q} o hoje convida.

Não creio \bar{q} possamos ~~hoje~~
fazer decorrer, de forma
cristalina, uma nova civili-
zação de meia dúzia de atri-
butos com \bar{q} há 10 ou 15 anos
se podia ajudar definir a
m. Mas podemos talvez
tentar interpretar a forma
quase "aperte" ^{em \bar{q}} ~~como~~ se
expressa a sua tomada de
palavra. Aparece-me - e

nesta opinião encontro outros ⁽⁴⁰⁾
ans pelo mundo fora - ~~alg~~
^{domed de palavras velas como}
~~as~~ ms hoje ^{como} uma espécie
de "símbolo da insolência
criadora" (Eliane, p 78) ~~q~~ ~~fare~~
daria à m do n tempo
uma vocação no destino
da humanidade... (subs-
tituindo talvez os velhos
timoneiros, receosos das
tormentas e percorrendo
apenas as rotas já andadas,
para uma decidida
aventura ~~para~~ a caminhada
da esperança.

(41)

Aí encontro uma ação cultural, melhor, uma mudança de referência cultural fundamental: no meio do mais circunspeto discurso, a ousadia de mostrar canções possíveis; no meio dos obstáculos de toda a ordem ~~que~~ os arquitectos da n/ civilização (que seja a sua idade) levantam, p. = uma mudança ^{urgente,} ~~positiva,~~ a ~~possibilidade~~ ^{este sentimento} de mostrar ~~que~~ é possível agir e ser diferente; Ao racionalismo impiedoso e impenetrável, e por o

caminhos da Sabedoria e da (42)
intuição. O António Alcáda
Baptista comentava há 2 anos
em uma mesa redonda em que
participámos:

"... a civilização tem sido
movida por valores que implicam
violência e dominação e tem
sido conduzida pelos homens.
Fundação Cuidar o Futuro
Os homens têm sido os grandes
constructores da história que
tem sido movida por instru-
mentos e motivações que nos
habitámos a considerar
valores masculinos. Paralela-
mente ficou retida na sua

obscuridade e, conseqüente, (43)
ficou depositária dos grandes
valores não usados mas q̄
me parecem necessários à
"sociedade futura". E hoje, creio
poder dizer q̄ a sabedoria,
a intuição, a capacidade de
discernir o novo, de admi-
rar o belo e original ... q̄
sei eu? todo um universo,
ainda ~~todo~~ ele m.^{do} vivido
à escala doméstica (mas
capaz de mudar de qualidade
de vivido à escala do mundo,
poderá fazer rebentar o
mundo de lógica (ou pseudo-

- lógica!) em \bar{g} ficamos em (44)
parecidos. (Só uma nota
sobre esta concepção de "rebutar"
- história dos frutos em Pere-
landra, de C. S. Lewis)

Fundação Cuidar o Futuro

Parece-me q̄ uma segunda linha de transformação da cultura se encontra na consciênciã q̄ as m̄ foram ter de q̄ constituem um grupo marginal na sociedade:

marginal seg.^{do} a lei (se forem casadas, marginal seg. os códigos sociais q̄ndã fi^m muitas se forem solteiras ã contra-curr^{to}

marginal p̄q̄ numa civilizaç^{ão} em q̄ tudo o q̄ é humano pensa pelo econômico, o seu trabalho, dentro ou fora da família, ã tem valor econômico auto-

como; marginal fr deli. (46)

berada/ se esconde na culhu
ra do ^{silêncio ou da crônica feminina} vernaculo, ~~triste~~ ~~que~~
^{litus'ria.}

~~da~~ ~~neo~~ ~~dos~~ ~~palcos~~ ~~do~~ séc XVIII

^{ura} na cultura sem tempo e sem
lugar onde as ms procuram
evasão... Mas marginal tr.

fr, consciente da sua si-
tuac, ~~mas~~ ~~tendem~~ o grupo

Fundação Cuidar o Futuro

qual ^{pode} constituido pelas ms

"escolher" a sua marginali-
dade como meio de criar
uma sociedade nova.

~~Q. do Paulo Freire começou
no Brasil o Movimento de
Educaç de Base, a maior~~

força de transformação cultural (47)
tural existente no Brasil q^{do}
nasceu a presente ditadura,
fe-lo tomando o campesi-
nato como o grande grupo
social q^o naquela sociedade
era reficiente/marginali-
zado p^o n^o estar corrompido
e capacidade/norma o
p^o poder provocar uma
mutação. A m/ leitura
da sociedade portuguesa
leva-me a dizer q^o as
cns, das quais apenas ^{cerca}
^{de} **20%** se encontram em vol-
~~vidas no resto das sociedades~~
vidas no mundo do

trabalho, constituem (48)
ainda um grupo suficiente/
marginalizado de participac
social q^o se poder tornar
cultural/ uma força.

Simple/ a marginalidade
não se converte de repente
numa força de participac.
É preciso passar pela cons
ciencia, i.e., pela
capacidade leitura semora
de q^o situação, pela sete
caldeamento el as leituras
de outras vidas, pela des-
coberta dos seus porquês
em meio a gratidão
e pela movimentação colec

tiva para uma ação. Daí (49)
q̄ na sociedade mista eue q̄
vivemos, garantida já a
coeducação como plataforma
de reconhecimento mútuo dos
sexos, seja ~~impõe~~ necessária
a aglutinac̄ de ms em
pequenos grupos p̄ q̄ tal
conscientizac̄ seja mais
do q̄ simples confidências
entre amigas...

De resto, o presidente eleito (50)
da Assembleia Nacional de França,
até agora Ministro de Estado p.
as Questões ~~e~~ Sociais e h
cujo papel inovador nã fõe
em dívida desde Maio 68,
escreve no prefácio do ~~uma~~
livro "Place aux f's" (escrito
por uma conselheira técnica
do s/min.) algumas consi-
derações q me parecem
apontar para o conteúdo
do q poderá vir a ser essa
transformação de cultura:

própria situação lhes fornece. (54)

Qual o conteúdo dessa finalidade globalizante eis o que importa descobrir. Ela trairia as próprias convicções e ~~impus~~ aventar-se com um "ismo" e o transmutasse em ~~monólogo~~. Creio que a medida em que os seres forem tomando consciência actante de sua marginalidade, é que poderão descobrir, nas ambivalências, contradições e desafios da sua vida,

uma resposta colectiva / (55)
significativa, ou, antes,
conjuntos de respostas
colectiva / significativas.

Se nascer da base, a fina-
lidade globalizante será
situada e datada, ~~apresenta~~
trudo-se assim pluri-fa-
cetada. Suponho - mas fico
no domínio da hipótese -
que as formas múltiplas
~~primárias~~ convergirão num dia-
crismo comum capaz
de ajudar ^{a dar} corpo e vida
à sociedade nova que quer
nascer.

Para tanto, o tempo urge.

Um dos livros + gritantes publicados recente / tem no seu limiar esta citação do Talmud q̄ resume e afudiza o q̄ tenho vindo a dizer:

" Si je ne suis pas pour moi, qui le sera?

Si je suis pour moi seulement, qui suis-je?

Si ce n'est maintenant, alors quand?"

ou, parafraseando:

Se não digo a m/ palavra,
quem a dirá?

Se a ~~de~~ digo solidária,
quem sou então?

Se não a digo agora,
então quando a
direi?

Fundação Cuidar o Futuro